

for necessário colecionar”, acrescentando detalhes no mínimo ridículos, partindo de tão alto cargo: “distribuindo as mencionadas obras em lotes, formados promiscuamente das de maior ou menor estimação e cujo produto será applicado a beneficio da referida Bibliotheca”; do mesmo José Bonifácio, na mesma data: manda que a Biblioteca seja aberta aos domingos e feriados; 10 de dezembro de 1822: José Bonifácio assina solene e pomposo aviso, pelo qual “Sua Majestade o Imperador pela Secretaria de Estado dos Negócios do Império manda participar ao... Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda” simplesmente isto: que se façam tapar alguns buracos no telhado da Casa pelos quais “a chuva tem penetrado com grande risco de destruição dos livros”; para que se façam alguns reparos no edifício danificado pela queda de um raio, no dia 19 de abril de 1823, é preciso aviso do imperador, igualmente assinado por José Bonifácio, no dia 24 do mesmo mês; para se estabelecer o “ponto” dos empregados da Biblioteca, achou-se por bem, em 31 de outubro de 1827, que o Visconde de S. Leopoldo levasse o pedido da diretoria “à Imperial Presença”, que o aprovou. No mesmo officio o diretor solicita à Sua Majestade a demissão de dois empregados – “Sua Majestade Hé Servido que sejam despedidos o Amanuense José Gregório de Pontes e o Servente Thomas Pereira de Sousa”. E assim por diante. Os officios e decretos se repetem, sempre fazendo ecoar o mesmo refrão autoritário e castrador de qualquer iniciativa. Até num mero recibo de algumas cadeiras recebidas pelo diretor frei Antônio de Arrábida, em abril de 1823, tinha de aparecer a marca do poder. Não se recebiam cadeiras sem autorização do Imperador! “Pela Especial Ordem e Augusta Determinação de S.M. o Imperador, recebi... 12 cadeiras de palhinha.” Na República nada mudou. Só que em vez das solenes e majestáticas nomenclaturas, somos hoje brindados com siglas que, no fundo, não passam de outras tantas manifestações da mesma força castradora que regime algum consegue amortecer. Pelo contrário, está sempre mais robusta. Hoje ela é mais conhecida pela nossa burocracia. Como essa força é imortal, a única solução viável seria sair do círculo, cair fora da sua influência. Passemos novamente a palavra a Borba de Moraes: “Não resta a menor